

CAPÍTULO 9

Afonsinho: um craque em vários campos

Alvaro Vicente Cabo

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

INTRODUÇÃO

Escrever sobre essa grande pessoa, que, além de ex-atleta profissional de futebol, se destaca como médico e como um humanista convicto, é uma tarefa complexa, porém muito engrandecedora. Apesar de estarmos em uma importante produção acadêmica do INCT Futebol, o presente artigo sobre Afonsinho tem características distintas, que buscam combinar um relato memorialista com uma transcrição comentada de uma entrevista que fiz com ele no ano passado, por ocasião do primeiro Coloquio Internacional Ciencias Sociales y Fútbol, do INCT Futebol, realizado em Montevideu.

Acabei tendo a responsabilidade de substituí-lo no evento, pois, ele, o convidado especial, infelizmente, estava lesionado, precisando fazer uma cirurgia. Para representá-lo adequadamente, ele gentilmente me recebeu em sua casa em Copacabana, mais uma vez para conversarmos, porém agora de forma mais objetiva e específica.

Eu tive o prazer de conhecer Afonsinho em meados dos anos noventa do século passado, quando eu ainda era graduando de História, e participávamos de umas “peladas” nos saudosos campos da Praia Vermelha, na UFRJ. Como estudante do IFCS/UFRJ e morador da Zona Sul, apaixonado pela bola e pelos livros, consegui reservar um horário específico para o instituto, às sextas-feiras, quando reunia um grupo eclético de estudantes de História, Filosofia e Ciências Sociais, além de amigos “peladeiros” agregados, que, independentemente da intimidade com o futebol, se juntavam ao grupo, animadamente, para se divertir, disputar acirradas partidas e, depois, celebrar a juventude no clássico “Sujinho”, icônico bar do garçom botafoguense Tião, que serve, até hoje, refeições e bebidas aos estudantes do campus.

Em uma histórica sexta-feira, surgiu um homem mais velho, magro, tranquilo, humilde, com uma barba branca e olhos claros, uma maleta de médico e uma bolsa, e pediu para jogar conosco, fazendo a famosa “de fora”. Eu estava esperando e concordei, apesar de, arrogantemente, pensar: será que esse “senhor” de cerca de 45 anos vai aguentar a correria? Éramos todos mais jovens, muitos na faixa dos 20 anos. Simplesmente, o “coroa” acabou com os jogos, e eu ainda tive o privilégio de jogar do seu lado e receber diversos passes perfeitos. Não saímos mais do campo. No final do jogo, fomos cumprimentá-lo, e um dos jogadores, que era um pouco mais velho que a maioria, descobriu a identidade do anônimo craque. Bosco bradou: “Afonsinho do Botafogo e da Lei do Passe!”

Nesse dia, ele participou da nossa tradicional confraternização, e eu descobri que morávamos próximos um do outro, no Posto 6, em Copacabana. Passei a encontrá-lo e a encantar-me com a pessoa e com sua bela história, não apenas como grande futebolista, mas, também, como ser humano progressista e preocupado com as questões sociais e políticas do nosso país.

Alguns encontros casuais no Arpoador, onde ele jogava bola com seu neto, que hoje, atua em times de Portugal, os chopps no tradicional restaurante Adega do Cesare, mas também os planejados, em eventos acadêmicos, palestras escolares e atividades futebolísticas, principalmente, jogos contra a equipe do Biriba, de Pelotas, estabeleceram a construção de uma relação de amizade e admiração por esse cidadão ético e consciente.

Sua luta pelo Passe Livre acabou se transformando em uma bandeira dentro do futebol sobre as relações trabalhistas de exploração, que eram vigentes não só no esporte, mas no país de forma geral. Demanda individual, a princípio personalíssima, que se tornou um exemplo para outros atletas e para a própria sociedade.

Sua atuação como médico na rede pública, no Rio de Janeiro, e, depois, em Paquetá, demonstra um pouco da sua doação e caráter, além da sua consciência social. Um raro exemplo de engajamento político e social real, e não apenas verborrágico.

Sua habilidade com a bola, categoria e lucidez nos lançamentos, faltas, dribles etc., revelaram um grande craque que atuou, profissionalmente, em diversos grandes clubes brasileiros como: Vasco, Flamengo, Fluminense, Santos e Botafogo, e se destacou, inclusive, pelo modes-

to Olaria. Mesmo com as dificuldades administrativas do Botafogo no período e ele estando no auge da carreira junto com uma das maiores gerações do futebol brasileiro na década de setenta, Afonsinho brilhou no campo e fora dele. Seguiu jogando como veterano com maestria, pelo amor ao futebol, exerceu a medicina e virou, também, cronista em veículos de comunicação como a revista *Carta Capital*, substituindo, simplesmente, o emblemático Sócrates, após a sua morte.

Assim sendo, esta entrevista informal, na nossa opinião, é a melhor forma de apresentar este raro cidadão exemplar, com quem tenho o privilégio de ter encontros interessantes e marcantes ao longo da vida.

Neste sentido, metodologicamente, busquei transcrever a nossa conversa e fazer breves comentários pontuais a partir de uma perspectiva da história oral sobre as questões levantadas, apenas com o objetivo de esclarecer, reforçar ou problematizar alguma colocação feita pelo caríssimo Afonsinho.



Fonte: Acervo pessoal
(8 de outubro de 2024)

ALVARO – Estou aqui com Afonsinho, meu grande amigo de peladas, de eventos e até de chopes em Copacabana. Assumi a responsabilidade de representá-lo em um grande colóquio, fato que me honra muito e me traz aqui para revermos e reforçarmos algumas informações que apresentarei. Enfim, primeiro você poderia falar da sua

origem, da sua trajetória no futebol e, num segundo momento, falar da questão do Passe Livre, de como foi esse imbróglio e, no final, se você quiser complementar fique à vontade. Beleza?

AFONSINHO – O futebol eu comecei mesmo no quintal de casa em Marília, no interior de São Paulo, e, já em Jaú, então jogando o campeonato varzeano, acabei sendo aproveitado no amador do XV de Jaú, o clube da cidade e, logo em seguida, passei para o time profissional e a fazer viagens. Isso por volta dos meus 15 anos. Cheguei a disputar dois campeonatos da segunda divisão. O XV de Jaú tem uma história muito bonita, mas, na época, tinha caído em função da crise do café. A cidade gira em torno do café e, com a crise, o clube foi junto para a segunda divisão. Então, em seguida, comecei a ficar conhecido e acabei recebendo propostas de clubes maiores: do Fluminense, primeiro, e, depois, do Botafogo, para o qual me encaminhei em torno dos meus 17 anos.

Sobre a importância desse período na minha carreira, nessa passagem, é fundamental lembrar que um jogador amador atuando no profissional e registrado em uma federação do país já tinha um vínculo. Mesmo sem receber nada, já existia um vínculo que o obrigava, se quisesse mudar de clube, a fazer no mínimo um estágio de um ano, ficar parado um ano sendo amador, sem nenhum vínculo profissional. Olha como a coisa era... O meu pai foi muito importante, ele foi a figura mais importante para mim naquele momento, pois o que os clubes faziam era o chamado “contrato de gaveta”. Você jogava num clube profissional, ainda atuando como amador, e assinava

um contrato em branco, que ficava guardado como garantia do clube de que você não ia mudar, sair. Caso fosse chamado por outro, em qualquer momento, o clube registrava na federação e ficava caracterizado o vínculo definitivo chamado “Passe”. O meu pai, sendo de família de ferroviários, era telegrafista da Estrada de Ferro, participante dos encontros dos ferroviários, militava ali na Cooperativa Exposul, do sindicato. Na época da estatização, a Estrada de Ferro era dos ingleses e foi encampada. Eu era garoto, bastante novo, de 9 a 10 anos, ainda em Marília, e admirava algumas figuras, amigos do meu pai, que discutiam o assunto. Houve, inclusive, um período de greve. Então, o meu pai, com seu conhecimento, não assinou o “contrato de gaveta”. Esta foi a primeira marca da história da abolição do passe. Embora não significasse garantia, porque jogando pelo clube você tinha um vínculo automático, mas não tinha o formal. Meu pai muito inteligente, depois formou-se como professor escolar, acompanhando minha mãe, que era professora também.

COMENTÁRIO – É importante destacar a influência da figura paterna, ex-sindicalista, inclusive no próprio “enquadramento de memória”, no termo de Michael Pollack, para sinalizar o início da abolição da Lei do Passe. A referência aos contratos de gaveta, muito comuns naquela época, também é um aspecto importante para o tema. A fronteira entre o atleta amador e o profissional, no período, parece-me muito tênue em função da pobre legislação desportiva.

AFONSINHO – Aí, eu cheguei no Botafogo em 1965, após jogar muito tempo, acho que mais de um ano já nas equipes profissionais no XV de Jaú, pois antes eu era amador que, na época, era chamado de juvenil e, hoje, é juniores ou sub-20. No ano que cheguei, fui jogar nos juniores e começaram a me lançar, também, na equipe principal, no grande Botafogo daquela época. Então, na mesma situação que eu estava no XV de Jaú, eu fiquei no Botafogo, até que chegou uma hora que era preciso formalizar a profissionalização. Não tinha saída. Assinei o contrato e, mais adiante, dois anos depois, isso acabou virando um problema. Numa questão comum de relacionamento entre clubes, jogadores e treinadores, eu acabei sendo preterido. Aqui, no Brasil, era um período de Ditadura Militar. Era um tempo muito fechado, e eu já estava começando a estudar, tinha ingressado na Escola de Medicina. Foi um período muito fervilhante aqui no Brasil, e as coisas acabaram se misturando. Eu precisei ir à Justiça pois, em um primeiro momento fui impedido de treinar, o que era comum na época. Eu recebia propostas, estava valorizado, queria sair, e o clube não me deixava jogar por castigo, não me vendia e nem me emprestava. O tempo foi passando, e eu não tive outro recurso, senão ir à Justiça. Em última análise, ir à Justiça em busca do meu direito de trabalhar. A minha profissão era ser jogador de futebol. E, por conta desse momento turbulento da sociedade brasileira, esse caso foi tomando um vulto muito grande. A censura de imprensa era uma oportunidade também dos jornalistas relacionarem a questão política com essa questão profissional. Eu acabei obtendo meu passe na Justiça Desportiva. A gente achava que não ia ter nenhuma

chance na Justiça Desportiva, pois era uma Justiça completamente parcial, eram só dirigentes de clubes. Quando eu fui dar entrada no documento para pedir o passe, perguntei quem eram as pessoas que julgavam, e o funcionário falou, claramente, os juízes são fulano de tal do Vasco, do Flamengo, eram dos clubes. Assim era composto o tribunal. Não tinha nem representante de jogador, então, a gente não tinha esperança. Mas, com o vulto que tomou o caso, acharam melhor me liberar, e eu obtive o Passe Livre na Justiça Desportiva, mesmo antes de recorrer à Justiça do Trabalho. Aí, fui em frente, voltei para o Olaria, para onde, em um determinado momento, eu tinha sido emprestado, depois de um tempo longo. No começo de ano, numa mudança de gestão, o diretor novo foi me procurar para ver se tinha alguma maneira de resolver a questão de me reintegrar. Mas aí tinha uma exigência, queria que eu tirasse a barba. Eu tinha uma barbinha começando. Mas aí isso virou uma briga, uma queda de braço. Eu achei que era demais, principalmente, pelas minhas convicções, daquilo que eu achava correto. Não tinha sentido aquilo, aí acabei obtendo o passe.

Deixa eu falar uma coisa que é muito oportuna, sobre o momento da realização desse encontro lá (Montevidéu) porque, passadas décadas, em dias atuais, temos a situação do jogador Diarra, da Seleção Francesa, que ficou impossibilitado de trabalhar mesmo com as modificações que foram feitas na legislação, do futebol profissional, ou seja, isso também é uma questão fundamental, a proteção da segurança jurídica dos jogadores profissionais. A extinção do passe foi importante para o jogador enquanto categoria, pois os dirigentes

resolveram o lado deles imediatamente. Na prática, o que existiam eram os contratos de, no mínimo, três meses, que geralmente era a duração do campeonato estadual e, na melhor das hipóteses, o jogador era contratado e renovava por, no máximo, um ou dois anos. Você imagina que, em uma profissão de risco como é o esporte, o futebol no nosso caso, há uma insegurança muito grande, então era uma situação angustiante, e eu só fui entender isso depois, quando houve a conquista do passe. Muitos jogadores antigos, grandes jogadores como Zizinho e outros tantos, tinham esse anseio, era uma espinha atravessada na garganta, um problema muito sério. Jogador profissional dedicava-se aquilo, quer dizer virava a profissão dele, mas não tinha segurança, não tinha uma garantia.

COMENTÁRIO – Entendo que esse trecho é muito importante, pois relata o ineditismo da iniciativa dele ao lutar pelo seu direito de exercer a profissão de jogador de futebol, em uma conjuntura política e administrativa desfavorável aos atletas. De jovem promessa no Botafogo a atleta questionador na Justiça Desportiva e Trabalhista, justamente durante o ápice da repressão do período Médici, obteve o Passe Livre, que acabou sendo uma conquista simbólica para a categoria dos jogadores de futebol, a qual repercute na sociedade e na própria legislação até os dias de hoje.

ALVARO – Então, Afonsinho. Naquele momento, você era tão jovem. Você tinha a consciência de que aquele era um ato de resistência importante ou, ao longo da sua vida, você foi entendendo e amadurecendo a importância daquele ato? Você afirmou que teve uma importância muito grande na opinião pública, pois apesar de obviamente ter sido um jogador que estudou Medicina, que a princípio teria uma formação diferenciada da maior parte dos jogadores, você já tinha essa consciência ou, com os anos, você foi percebendo a importância da sua atitude? E, só para complementar, até que ponto essa situação prejudicou, ou não, a sua carreira, uma vez que muitos clubes, principalmente, naquele momento, não abriram as portas para você?

AFONSINHO – É, somente com o passar do tempo fui percebendo a grande importância daquele ato, que até hoje segue repercutindo. Naquele momento, como eu falei no início, eu tinha essa ligação muito forte com a questão social, de ter acompanhado, aos meus 10 anos, os sindicalistas da Estrada de Ferro. Admirava muito os amigos do meu pai que eram batalhadores. Tinha o Sr. Wilson, a figura dele nunca saiu da minha memória, era um homem, assim, com uma vida na maior intensidade, e eu era moleque, admirava os caras. Com esta influência do meu pai, e não sei se por características próprias, esse é o meu jeito de ser. Eu faço aquilo que eu acredito, acredito que seja correto. As coisas são assim: existe esta situação e essa outra, se eu acho que é esse caminho aqui, eu sigo. E existem consequências, mas isso para mim é algo que até hoje eu fico muito tranqui-

lo, sou assim na vida. Então, com essa formação e já começando o primeiro e o segundo ano da Escola de Medicina, eu frequentava a Assembleia da Escola, e, quando houve aquele momento da morte e da missa do Édson Luiz, eu cheguei a ir. Estava me encaminhando para a Igreja da Candelária, mas quando estava chegando perto, umas duas quadras, sei lá, aí veio a cavalaria. Era aquele negócio, as coisas naquele momento eram tensas, e eu não tinha implicação, acompanhava, atuava muito. Com mais alguns outros companheiros que faziam outros esportes, refundamos um departamento desportivo na Escola de Medicina, que estava desativado, então, eu me entendia muito bem com o pessoal. Nessa ocasião alguns foram presos, até alguns que estudavam junto com a gente, aquelas coisas de Anatomia e outras matérias. Nessa passeata e em outras manifestações, alguns colegas bem próximos e, principalmente, os que eram dirigentes do Centro Acadêmico acabaram detidos. Foram presos ali, mas eu não tinha assim uma participação direta, eu não era vinculado a um partido, nem uma coisa assim. Depois, essa história acabou implicando até em dossiê do DOPS, e me acompanhando, para saber onde é que eu andava, onde é que eu estava. Se eu acredito nisso, eu faço, o resto é consequência. O resumo é esse. Não sei se faltou alguma coisa da sua pergunta?

COMENTÁRIO – Nesse trecho, entendo que Afonsinho utiliza uma argumentação pautada no elemento “ethos” que atribui credibilidade a seu engajamento político na sua trajetória, em função da influência dos amigos sindicalistas do pai, do relacionamento com membros do Centro Acadêmico de Medicina e demais estudantes, da própria referência à sua tentativa de estar no velório do estudante Edson Luiz, brutalmente, assassinado pela ditadura, mas por outro lado começa afirmando que é com o tempo que a coisa vai repercutindo. Não dá para precisar se, apesar de toda a sua formação e histórico familiar, naquele momento ele já tinha uma consciência de ser um ato de resistência a tentativa de obter o passe na Justiça, na minha opinião.

ALVARO – Você acha que acabou sendo prejudicado? Que o fato de não ter chegado à seleção brasileira na Copa de 1978, que eu pesquisei, tem relação realmente com o fato de acabar sendo identificado, de certa forma, como uma pessoa que estava resistindo à ditadura. Você e o próprio Reinaldo são sempre muito identificados como “engajados politicamente” até mesmo, academicamente, em textos, artigos e livros.

AFONSINHO – Houve um posicionamento. Então, à medida que o tempo foi passando, isso veio sendo cristalizado. Passou a ser comentado: você devia ter sido convocado, podia ter ido na Copa tal, mas só

depois foi ficando claro para mim, à medida que foi passando o tempo, e eu vi que estava correto na minha opção, no meu posicionamento, entendeu? Porque se for prestar atenção, de 1970 até 1994, o Brasil não ganhou mais nenhuma Copa. Para todo jogador, não só é um desejo como é importante na história da carreira pertencer ao selecionado do seu país, do Brasil, então, mais ainda, porque é um país glorioso no futebol. Embora nós estejamos em um momento meio complicado, mas chegamos a ser chamados de o “país do futebol”. Nós temos, realmente, jogadores extraordinários, o futebol é uma parte muito forte da nossa cultura. Se ele é importante em praticamente todos os países do mundo, aqui no Brasil é notoriamente fundamental na cultura e na forma de expressão da gente brasileira. E, eu vivi aqueles momentos, tivemos apertos, principalmente, depois da Copa da Argentina. Na época da Copa do México, eu estava jogando no Olaria, acho que na segunda passagem depois do passe. Eu acabei no início daquele ano emprestado ao Olaria como castigo, era um time de menor investimento. E, o que seria um castigo, acabou sendo a minha redenção, pois às vésperas da Copa de 70, o Olaria fez um campeonato extraordinário, me destaquei muito, e nossa equipe acabou convidada, por ter sido o melhor dos times pequenos do Rio de Janeiro, ficou em terceiro lugar, a enfrentar a Seleção Brasileira B, na rodada de treinamentos antes de embarcar para a Copa. Foi até engraçado, porque o Olaria acabou vencendo de 1x0, com gol do Nado, aquele pernambucano. Então, eu fiquei nessa situação com o Passe Livre. Em termos de futebol, e, até hoje, com mais idade, eu nunca me senti arrependido, fiquei firme na minha convicção, o que vem é consequência. Você escolhe o

caminho e aguenta as consequências. É claro que, teria sido importante, muito bom para mim, ter sido jogador da seleção, poderia ter sido valorizado, essa coisa toda, mas o tempo vem me mostrando que eu estava correto na minha opção e que valeu a pena. O Brasil entrou em um período de baixa em relação a Mundiais, sempre com grandes jogadores, mas em termos de seleção sem conquistas, no período de 1970 até 1994, quando foi ganhar o outro título: o tetra. Então, foi uma das grandes vitórias da minha carreira ter o Passe Livre, que era uma prática que não existia, e ter jogado em clubes de primeira linha. Do Olaria, eu fui para o Vasco, os clubes tinham uma ligação por conta dos presidentes. Como o Olaria se destacou muito, nós fomos, quatro jogadores, para o Vasco. Depois, eu fui para o Santos, uma verdadeira seleção internacional, sem falar do Pelé. Estavam lá, também, o Serra, um goleiro argentino, Ramos Delgado, Clodoaldo, Carlos Alberto, capitão da seleção. Quer dizer, foi importante quebrar esse negócio, a exclusividade da vontade do clube, pois a ideia é que o jogador com passe livre seria isolado, ninguém iria querer aquilo. Agora, a questão principal, que eu já tinha começado a falar, é que com esta história da abolição do passe, o jogador tornou-se um profissional de fato, e os clubes, os dirigentes, resolveram, imediatamente, a situação deles. Passaram a fazer contratos longos, de, no mínimo, quatro ou cinco anos, às vezes, seis ou mais, isso dá uma estabilidade ao profissional como cidadão. Eles instituíram a multa contratual e resolveram esse problema. Vamos supor, o problema é defender o investimento do clube, que pagou o montante tal em determinado jogador. Tem uma multa contratual, não quer dizer que o clube não possa negociar no

dia seguinte, está garantido no investimento dele, mas para o jogador, para a classe do jogador de futebol, o jogador passou a ter — ainda não completamente pois é uma carreira muito curta e de muito risco — uma estabilidade muito maior, e isso ainda custou a acontecer, aqui no Brasil. O primeiro jogador que teve um contrato mais longo, me parece que de quatro anos, foi o Fred e, quando voltou da Europa para o Fluminense, continuava naquele negócio de contratos menores. Mas a realidade é essa, o clube resolveu o problema dele instituindo a multa contratual e ampliando o tempo de contrato. O jogador tem uma estabilidade, embora relativa, mas tem. É uma profissão que tem uma garantia um pouco melhor.

COMENTÁRIO – Nesse trecho acho importante destacar o orgulho que Afonsinho tem da sua carreira e das decisões que tomou, principalmente, com relação à batalha judicial pelo Passe Livre. Ele argumenta que, no período de 1970 a 1994, o Brasil não conquistou nenhum título e que a atitude dele foi importante para as transformações ocorridas durante o período.

ALVARO – Por falar em profissão, como é que você conseguiu conciliar a prática do futebol com a medicina? É mais uma curiosidade. A gente até já conversou sobre isso, mas para poder reforçar.

AFONSINHO – O próprio processo da conquista do passe me ajudou em relação a isso. Por quê? Primeiro eu fiquei em litígio com o clube

quase dois anos, então eu fui avançando na faculdade. Treinava, participava, mas não podia jogar, então eu fui avançando. No primeiro momento, depois da solução do passe, eu fui emprestado para o Olaria, que era um time com menos compromissos, menos jogos, o objetivo era o campeonato carioca e, ainda assim, eu me ambientei muito lá. Como eu disse, foi uma redenção e, ainda, conseguia fazer uma combinação. Primeiro, naquele tempo, só se treinava em um período, não tinha tempo integral e academia, esses negócios. Alguns clubes treinavam de manhã, outros à tarde. Às vezes, quando tinha algum jogo à noite, fazia um coletivo à noite, então, você tinha pelo menos uma parte do dia livre. E, lá no Olaria, indo para lá e sendo um jogador que estava valorizado, fiz uma combinação com eles que, quando fosse uma atividade coletiva, um treinamento coletivo do clube, eu daria prioridade, mesmo que tivesse que faltar a uma aula, quando era um treino físico, quando está rolando campeonato não tem muito tempo de treinamento. Cheguei até a dar alguns plantões no Hospital Getúlio Vargas. O médico do Olaria era lá desse hospital, e eu, ao invés de ficar na concentração na véspera do jogo, ia com ele para o Getúlio Vargas e, quando chegava próximo daquela hora do lanche na concentração, antes de dormir, na véspera do jogo, eu voltava, fazia o lanche e ia para o jogo. E assim pude levar. Teve um ano que a situação ficou impossível, quando eu fui para o Santos. Aí, o Santos viajava muito, o time não parava. Jogava domingo, viajava. Teve um mês que eu estive duas vezes na Itália, aí era impraticável, e eu tive que trancar matrícula. Um ano eu tranquei a matrícula. Eu fui diplomado um ano depois da minha turma original

por conta disso. Quando eu voltei, retomei e joguei mais uma vez no Olaria, que ficou como se fosse minha casa, além de ser um belo clube, fiquei muito integrado lá. Aliás, a segunda maior vitória da minha carreira foi ter me ambientado ainda com o Passe Livre, sem que o clube fosse o dono, os torcedores fossem donos de mim. Mas eu sempre tive um trânsito muito legal, até hoje sou chamado em todos os clubes por onde andei para uma comemoração ou outra atividade qualquer, principalmente, com os meus companheiros. Normal, pois, o meu ambiente sempre foi o futebol. Apesar de ser estudante universitário, nunca tive nenhuma distinção em relação a ninguém, eu sempre fui integrado não só no futebol, na profissão, mas também na cultura mesmo, cultura brasileira.

COMENTÁRIO – Nessa parte, eu pedi para ele explicar como teria conseguido conciliar a prática do futebol profissional com os estudos de medicina e é interessante que, mesmo nessa questão pessoal, ele destaca o episódio do litígio que levou a Lei do Passe como um elemento que indiretamente acabou ajudando na realização desse projeto pessoal. Também reforça seu carinho pela equipe suburbana do Olaria e a boa relação que cultivava com todas as equipes em que jogou.

ALVARO – Você sabe que até hoje você é referência lá em Pelotas, para aquele time, o Biriba Master, que existe até hoje, lembrando daquelas três partidas que a gente jogou contra eles contando contigo em nossa equipe.

AFONSINHO – Ainda mais Pelotas, eu tenho um carinho muito grande pela cidade por causa do Torino, o ponta-esquerda gaúcho que veio do Rio Grande para o Botafogo. A gente era compadre. No final, ele também foi emprestado para o Olaria e ia começar o campeonato, os clubes prepararam-se muito bem, emprestando jogadores, mas ele faleceu. Ele tem um filho que mora em Florianópolis e trabalha com futebol. Então, eu tenho um carinho grande por Pelotas por causa dessa amizade.

ALVARO – O último jogo que fizemos contra o Biriba foi em Paquetá, eles ficaram loucos em ir de barca, aquele “churrascão” no Clube Municipal. O Russo (Dirnei Bonow), meu amigo de faculdade, ainda joga, e essa iniciativa do INCT tem a ver com isso também, com o futebol master de várzea.

AFONSINHO – Então, nós ainda estamos lá. Acabamos de fundar o sub-100 (risadas). Como é que eu vou fazer?

ALVARO – Aquele primeiro jogo contra o Biriba, no CFZ, em 2008, foi o mais duro que a gente fez com eles. Foi 5×3. Vou te mandar o vídeo que um amigo, o Paulinho, recuperou. Depois no segundo, você até levou o Nei Conceição, mas foi um chocolate do time deles, lá em Manguinhos. E, o terceiro, aquele que você levou a gente para Paquetá. Agora, só para fechar, pois eu acho interessante falar disso também. Como é que você se descobriu colunista, militante, que escreve em uma revista progressista como a *Carta Capital*? Você começou a escrever antes no jornal *O Dia*?

AFONSINHO – Eu escrevia naquele jornal de economia *Valor Econômico*, não sei se teve alguma outra participação, você citou uma coluna aí. E agora eu escrevo na *Carta Capital*, mas é um negócio totalmente estranho, entendeu? Eu não tenho nenhum feedback. Lá, os caras são moços, estão me aceitando.

ALVARO – Você substituiu o Sócrates, não é?

AFONSINHO – É, o Sócrates faleceu, e me chamaram. E eu não tenho nenhuma avaliação, se é muito abaixo do nível da revista, se vale a pena.

ALVARO – Eu costumo ler e gosto muito.

AFONSINHO – Pois eu fico num ponto, será que eu continuo, não continuo? Pois eles continuam me pedindo. E é isso eu faço. Por que é uma revista que tem colunistas da área econômica e consciência social.

ALVARO – Afonsinho, muito obrigado mais uma vez por tudo. Foi, novamente, um grande prazer estar com você.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Afonsinho é um raro exemplo: de jogador, de cidadão e, principalmente, de ser humano. Difícil, porém, libertador escrever sobre ele.

Nunca tinha misturado experiências pessoais com um artigo. Humildade, tranquilidade e placidez são características importantes desse eterno craque.

Muito conhecido pela Lei do Passe, era uma referência futebolística e humana em um período “nebuloso” da nossa História. Se entendia ou não aquele momento não importa. É craque, médico e progressista. Uma bela história que precisa ser sempre resgatada.

Uma pessoa do bem. Um homem ético, que sabe viver intensamente suas convicções e joga muito futebol de qualidade. Obrigado, meu raro exemplo Afonsinho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABO, Alvaro Vicente G. T. P. do. 2018. *Argentina/78: uma copa do mundo política, popular e polêmica*. Curitiba: Appris.

COUTO, Euclides de Freitas. 2014. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*. Niterói: Eduff.

COUTO, Euclides de Freitas. A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978). *Revista de História do Esporte*, (3)1, Rio de Janeiro jun. 2010. 22p.